

PRIMEIRO CONTATO COM A PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS¹

Andréa Santos de Araujo²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comissão de Graduação em Geografia

RESUMO

Este trabalho tem como base as observações sobre o comportamento dos alunos em sala de aula e a percepção destes em relação ao ambiente escolar, referentes aos Estágios de Docência I e II – Ensino Fundamental e Médio, respectivamente. Completando as observações, há aplicação de questionários, visando melhor conhecer o aluno, sua vida cotidiana e suas opiniões em relação à escola. Há também proposições de procedimentos metodológicos para relacionar conteúdos de geografia com a vida cotidiana do estudante, destacando, nesses procedimentos, o conceito de lugar.

Palavras-Chaves: Escola. Aluno. Cotidiano. Lugar. Metodologia.

ABSTRACT

This work is based on observations on the behavior of students in the classroom and their perception regarding the school environment, referring to Stages I and II Teaching - Elementary and High School respectively. Completing the observations, there are questionnaires in order to best meet the student, their daily life and their opinions about the school. There are also proposals for methodological procedures to relate content to everyday life geography student, emphasizing in these procedures, the concept of place.

KEYWORDS: School, Student, Everyday, Place, Methodology.

1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho foi elaborado em relação às experiências adquiridas em sala de aula durante a realização dos Estágios em Docência I e II- Ensino Fundamental e Médio somado com os respectivos relatórios finais. O Estágio em docência I- Ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Anne Frank, localizada no bairro Bom Fim, nas turmas de 7º série/8º ano, cuja idade média dos alunos era de 13 anos, no primeiro semestre de 2012. O Estágio em Docência II- Ensino Médio realizado no Colégio Estadual

¹ Trabalho de Conclusão de Curso elaborado sob orientação do Prof. Dr. Nelson Rego, apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Geografia.

² Graduanda em Geografia

Júlio de Castilhos, localizado no bairro Santana, em turma de 2º ano, cuja idade média dos alunos era de 18 anos, no segundo semestre de 2012.

Este trabalho tem como objetivo conhecer o ambiente escolar, as percepções e desinteresses dos alunos em relação a esta instituição. A partir de questionários que desvendem suas realidades cotidianas e suas opiniões sobre a escola, conseqüentemente entenderei o papel da instituição para os alunos e os lugares que os estudantes preferem frequentar ou estar periodicamente. Com a intenção de analisar práticas pedagógicas que utilizaram o conceito de lugar, através de locais comuns aos alunos.

Todavia, notam-se diferenças entre o primeiro e o segundo estágio, mas também semelhanças como, por exemplo, a divisão dos alunos em sala de aula - de um lado os “bagunceiros” ou “a turma de trás” rotulados de repetentes e que adquirem pior rendimento escolar e do outro os “quietos” rotulados como os “inteligentes” e “bons alunos” que adquirem melhor desempenho na escola. Observou-se a eficiência dos alunos em “eternizar o recreio”, para essa discussão utilizarei Brandão (1993) por empregar-se de impressões da sua vida escolar como integrante da “turma de trás”. No entanto, esta percepção não foi somente constatada nas práticas docentes, mas também em observações feitas em escolas para outras disciplinas na mesma Universidade durante o curso de licenciatura e em relatos dos meus colegas nas aulas de estágio docente. Desta maneira, acredito ser relevante escrever sobre o assunto por revelar constrangimentos por parte de alguns alunos a expor suas ideias, interpretações e opiniões com medo de repressão dos outros colegas.

Portanto, a fim de poder integrar cada turma foram pensados questionários para conhecê-los melhor, igualmente como suas impressões sobre o lugar da escola e sobre sua vida cotidiana, com o intuito de pensar propostas para ambas as turmas de alunos – “quietos” e “bagunceiros” – que os levem a participarem e sentirem-se pertencentes ao ambiente escolar. Neste trabalho estão presentes relatos de uma professora iniciante cuja única experiência em sala de aula foi durante os estágios de docência I e II - os resultados e conclusões estão presentes nas partes finais deste trabalho.

2 AS ESCOLAS

De acordo, com os regimentos das duas escolas onde foram realizados os estágios docentes, têm como objetivo criar condições para que o processo de construção do conhecimento se torne cada vez mais participativo e aconteça através do acesso aos meios culturais existentes na comunidade. Preparando assim, cidadãos participativos e responsáveis orientados por princípios éticos e munidos de conhecimentos e habilidades para enfrentar a

vida com certa autonomia. Portanto, ambas as instituições olham a escola como um espaço participativo para o desenvolvimento do aluno, apresentando-se como um espaço democrático para criação e recriação permanente do conhecimento, sendo este identificado com a vivência do estudante.

As escolas são instituições responsáveis pelo desenvolvimento dos conhecimentos éticos e de capacidade crítica dos alunos. De acordo com Xavier (2008, p.17) o “compromisso fundamental da instituição escolar continua sendo com a aquisição e a produção de conhecimento e com o desenvolvimento harmonioso da criança e do jovem”. Mas como desenvolver conhecimentos se a escola ou a maneira de ensinar é a mesma desde o começo desta instituição? De acordo com Becker (2001, p.16), “O professor ensina e o aluno aprende. Se alguém observasse uma sala de aula na década de 60 ou de 50, ou, quem sabe, de dois séculos atrás, diria, provavelmente, a mesma coisa [...]”, essas aulas eliminam ou diminuem a criatividade e curiosidade do aluno, igualmente o saber não pode ser transmitido para o estudante como simples: professor é a fonte de saber e o aluno é o depósito de conhecimento. O autor legitima esta pedagogia pela epistemologia empirista onde vê o estudante como uma tábua rasa ou uma folha de papel em branco que vai ser preenchida pelo profissional da educação e “tudo o que o aluno tem a fazer é submeter-se à fala do professor: ficar em silêncio, prestar atenção, ficar quieto e repetir tantas vezes quantas forem necessárias, escrevendo, lendo, etc., até aderir em sua mente, o que o professor *deu*.”(BECKER, 2001, p.18). Este é um modelo de turma que alguns professores idealizam, como uma turma ideal, mas não encontramos neste modelo o processo de ensino-aprendizagem, pois tudo o que o aluno faz é “decorar” o conteúdo não assimilando com o seu cotidiano e conseqüentemente não vê a importância daquele estudo na vida profissional, servindo apenas para ser aprovado. O autor vê essa epistemologia e pedagogia como sendo a do mercado de trabalho onde o aluno aprende a silenciar frente à autoridade de alguém superior mesmo discordando deste, ou seja, o aluno aprende a não pensar e criticar submetendo-se a ordem do empregador.

No entanto, Becker (2001) também comenta outras pedagogias que levam ao entendimento do modo de construir o conhecimento pelo aluno, uma delas é a não diretiva cuja base epistemológica é apriorista – *a priori* vem antes de algo – o indivíduo já nasce com o conhecimento, onde o professor interfere o mínimo possível na ação do aluno, “qualquer ação que o aluno decida fazer é, *a priori*, boa, instrutiva.” (BECKER, 2001, p.19). Deste modo, o professor é auxiliar do aluno, pois o sujeito aprende por si mesmo.

Contudo, pode-se notar que a pedagogia existente nos regimentos escolares observados é a pedagogia relacional cuja base é o construtivismo o qual Becker (2001, p.23)

propõe “que o aluno só aprenderá alguma coisa, isto é, construirá algum conhecimento novo, se ele agir e problematizar a sua ação” as escolas são dotadas desta visão construtivista onde o aluno pode construir o seu próprio conhecimento. Mas referente às observações que precedem a prática, não necessariamente nas aulas de geografia, o que notei nas exposições e nas falas de alguns professores foi o modelo tradicional de escola - onde o professor fala e o aluno tem que ficar quieto, escutando, senão é rotulado de mau aluno – em conversa com estes professores mostraram o quão é cômodo passar o conteúdo sem intervenções dos estudantes com perguntas que atrapalham a aula e que, às vezes, não se referem ao conteúdo. Aulas estas, seguidas de acordo com o livro didático, sem qualquer informação diferente trazida pelo professor que faça aquele período em sala de aula tornar-se menos monótono e desestimulante, referente a esta questão notou-se abatimento em relatos a partir de conversa com os estudantes, apresentado mais adiante. Neste contexto, Callai (2009, p.89) está certa quando diz que “os conteúdos em si são mais do que simples informações a serem aprendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar”, desse modo não basta apenas apresentar os conteúdos, o professor tem que dar a oportunidade do aluno fazer um diálogo com o conhecimento.

De acordo com Becker (2001), o uso de materiais como reportagens e músicas, por exemplo, pelo profissional da educação é indispensável, pois trás oportunidade de problematização por parte do professor e oferece uma gama de atividades que podem ser feitas com esse material, além de trazer a participação em aula, tornando-a mais interessante para o aluno. Assim, o professor se torna o estopim na construção do conhecimento pelo estudante, conforme Becker (2010, p.244) “o conhecimento e, por conseguinte, o sujeito humano, não nasce pré-determinado, nem é determinado pelo meio em que vive, mas constrói-se na interação, isto é, na relação da bagagem hereditária com o meio social, acionado pela ação”. As atividades desenvolvidas pelo professor podem trazer o meio social para o aluno através do cotidiano, do que ocorre constantemente na nossa sociedade, afim de que se construa o próprio conhecimento, fazendo as ligações necessárias para o entendimento.

Nesse contexto, Xavier (2008) propõe a necessidade dos estudantes estarem em constante contato com tecnologias, como computador e a internet, assim como acesso diário a jornais, revistas, programas de TV e filmes:

Precisa a escola conciliar o duplo papel do espaço de estudo e de lazer, cabendo ao professor e à professora a promoção da análise crítica das reportagens e dos programas, permitindo ao estudante a leitura do que não está sendo dito, dos silêncios, do significado das imagens. (XAVIER, 2008, p.18).

Assim, a escola tem como desenvolver um caráter ético e crítico ao aluno, na medida em que proporciona uma possibilidade de análise de acontecimentos cotidianos e não apenas com a memorização de conteúdos sem relação nenhuma com a vida do aluno.

Autores falam na importância em utilizar imagens em sala de aula, principalmente em geografia, Kaercher (2007) evidencia isso quando diz que:

O trabalho com imagens em geografia é tão importante quanto o trabalho com mapas, e ambos, geralmente, são pouco usados. Desde fotografias que mostram paisagens, que não sofreram ação de seres humanos, até as que representam obras feitas por eles – como prédios, plantações, fábricas, favelas, meios de transporte, máquinas – todas podem ser interpretadas pela geografia. Podemos ver um objeto se transformar com o passar do tempo. (KAERCHER, 2007, p. 18).

Com a utilização das imagens o professor pode relacionar a matéria com o cotidiano do aluno, como sugere o autor: construir o conhecimento a partir da transformação destes objetos com o passar do tempo ou utilizando as imagens como forma de entender a natureza e as temáticas sociais.

Silva e Arcanjo (2012) falam em “línguas alternativas” o que se refere à utilização de mídias na metodologia da aula, como: charges, música, jornais e imagens, expondo o conteúdo da melhor maneira possível. Nas aulas de estágio docente, sempre o professor aconselhava causar desconforto no aluno trazendo algo não comum a ele através do diálogo, da pergunta e da interação professor/aluno. Nesse sentido, necessita-se da utilização de métodos que façam o aluno interagir com o professor, métodos que utilizem imagens ou objetos do cotidiano. Usar estas mídias, citadas anteriormente, não é difícil no tempo atual, pois estamos em um período em que todos os alunos, praticamente, têm acesso à internet ou fontes de informação, diferentemente de tempos passados, que utilizávamos enciclopédias e mimeógrafos. De acordo com questionários passado aos alunos no início das aulas – Quadro 1 -, verificou-se que, praticamente, todos os alunos, em ambos os estágios docentes, têm acesso à internet e possuem computador em casa, utilizando como principais acessos as redes sociais, conforme Gráfico 1 e Gráfico 2. Assim, afirma-se o quão é facilitada nos dias de hoje o acesso à internet e aos meios de comunicação, a informação já faz parte do dia-a-dia do estudante. O que possibilita a nós professores podermos aproveitar esse acesso ilimitado em nossas aulas utilizando da melhor maneira possível estas mídias amplamente distribuídas em nossa sociedade.

Gráfico 1- Acesso dos alunos na internet – Ensino Fundamental



Fonte: Alunos do Ensino Fundamental, 2012/1

Gráfico 2- Acesso dos alunos a internet – Ensino Médio



Fonte: Alunos do Ensino Médio, 2012/2

Nota-se uma pequena diferença entre os alunos do Ensino Fundamental e Médio em relação ao tipo de acesso, mas é surpreendente que a grande maioria usa a internet para acessar as redes sociais. Também, há diferença em relação à quantidade de alunos em sala de aula, no Ensino Médio o número caiu pela metade, isso é o resultado provavelmente da evasão escolar de acordo com a vice-diretora da escola - observando a chamada desta turma no início do ano eram trinta e quatro alunos matriculados e durante o estágio docente, entre os meses de setembro a novembro, restaram doze alunos os quais em média nove iam às aulas.

Nestes questionários realizados no início das práticas docentes semelhante ao proposto no artigo de Kaercher (2007), no qual o autor chama de “cartografias pessoais”, saber mais dos gostos dos alunos, suas músicas preferidas, seus sonhos e medos fazem com que conheçamos melhor o perfil do estudante. Este questionário foi produzido inicialmente para

os estudantes do ensino fundamental, a partir das diferenças de idades, logo, foram propostos reformulações em relação às perguntas realizadas para o ensino médio, segundo Quadro 1.

Quadro 1 – Cartografando os alunos

Questionário Ensino Fundamental	
1- Nome:	11- Se tu pudesses olhar no espelho tua
2- Idade:	identidade, como seria a imagem refletida
3- Bairro:	nesse espelho?
4- Tens irmãos? Quantos?	12- Já pensou em fazer faculdade?
5- Quantas pessoas moram junto contigo? Citar.	13- O que quer estar fazendo quando tiveres com 18 anos?
6- Profissão da mãe:	14- Quando tenho tempo livre eu gosto de me ocupar com:
7- Profissão do pai:	Isso me faz bem por que...
8- Tens acesso a internet?	15- Algo que me deixa muito indignado (ou, o contrário, feliz) é:
9- Que sites costumam acessar?	Por quê?
10- Qual o estilo de música que gostas?	

Questionário Ensino Médio	
1- Nome:	nesse espelho?
2- Idade:	12- Quer fazer faculdade?
3- Bairro:	() Sim, Já pensou qual curso?
4- Tens irmãos? Quantos?	() Não, Por quê?
5- Quantas pessoas moram junto contigo?	13- O que quer estar fazendo daqui a 10 anos?
6- Profissão da mãe:	14- Quando tenho tempo livre eu gosto de me ocupar com:
7- Profissão do pai:	Isso me faz bem por que...
8- Tens acesso a internet?	15- Algo que me deixa muito indignado (ou, o contrário, feliz) é:
9- Que sites costumam acessar?	Por quê?
10- Qual o estilo de música que gostas?	
11- Se tu pudesses olhar no espelho tua identidade, como seria a imagem refletida	

3 IMPRESSÕES SOBRE A ESCOLA E SALA DE AULA

Ambas as escolas foram receptivas e atenciosas, mostrando empenho para seguir as propostas do plano político pedagógico. No entanto, algo que chamou a atenção na sala de aula, foi o número reduzido de alunos, principalmente no ensino médio. Assim, conforme Guerreiro (2012) – autora que escreve sobre os dados do ensino médio em todo o Brasil entre eles a reprovação, evasão e soluções tomadas regionalmente - o senso escolar de 2011, produzido pelo MEC, revelou que a taxa de reprovação do ensino médio no Brasil atingiu 13,1%, “o país tem avançado em sua meta de universalizar o ensino e manter os jovens por mais tempo na escola. O problema é que, ainda que os alunos permaneçam mais anos na escola, nem sempre conseguem progredir nos estudos.” (GUERREIRO, 2012, p. 25). Durante a segunda prática docente, notei o enorme descaso por parte destes estudantes em relação ao conteúdo escolar, a maior preocupação era com o número de faltas, pois a professora atribuía nota por presença. Mas a culpa pelo descaso, que resulta na reprovação e evasão escolar, é da escola? É do professor? Ou é do aluno?

Com sua pesquisa a autora aponta vários fatores para o aumento do índice de reprovação e conseqüentemente da evasão escolar no país, um desses fatores é a precisão estatística gerada pela melhora dos instrumentos de medição, o que indica que nos próximos anos os números devem piorar. Outro fator apontado são as recentes políticas para o ensino médio “[...] essa etapa só entrou na agenda pública federal na segunda metade da década de 1990 com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).” (GUERREIRO, 2012, p. 25). A autora também aponta a “Emenda Constitucional 59, que torna obrigatória a educação dos 4 aos 17 anos a partir de 2016.” (GUERREIRO, 2012, p.25). Assim, como ocorreu no ensino fundamental, quando a educação começou a ser obrigatória diminuíram as taxas de evasão escolar, acredita-se que isso ocorrerá também no ensino médio. Segundo a autora, estas políticas para diminuir a reprovação e conseqüentemente a evasão escolar não exerce efeito aqui no nosso Estado, pois estas estão focadas nas regiões mais carentes ao Norte e Nordeste do nosso país, “a rede estadual do Amazonas possui menos alunos do que a do Rio Grande do Sul, não só por uma questão geográfica, mas porque menos jovens passam do ensino fundamental para o ensino médio.” (GUERREIRO, 2012, p.25). Realmente notei esta diferença de alunos entre as duas etapas, como também a partir de conversas com futuros colegas de profissão, pois o estágio não é somente o professor estagiário em sala de aula, mas também conversas com outros professores que estão a mais tempo lecionando,

compartilhando suas alegrias e frustrações com os chamados “novatos” a partir de conversas informais nas sala dos professores.

Notam-se nos dados pesquisados na prática docente que no ensino fundamental (Gráfico 1) o número de alunos era o dobro do ensino médio (Gráfico 2), lembro que a amostragem é uma turma de cada nível, não se pode generalizar, mas acredito com as leituras feitas, com dados de colegas do estágio e conversas com professores que esse fator se propaga. Guerreiro (2012) comenta sobre iniciativas de tornar a escola mais atrativa para o aluno relacionando o conteúdo com à sua realidade, quando diz que “o governo federal criou o Programa Ensino Médio Inovador, que estimula mudanças no currículo escolar e atividades diferenciadas, que atraíam os alunos.” (GUERREIRO, 2012, p.26). Um exemplo apontado pela autora são as atividades desenvolvidas no Centro Educacional São Francisco, no Distrito Federal, que oferece atividades culturais e esportivas, como: circo, dança e teatro para os alunos além de poderem trabalhar com projetos de pesquisa de acordo com seus interesses sob orientação de um professor. Não posso deixar de citar o Colégio de Aplicação da UFRGS, no qual tive oportunidade de trabalhar como bolsista de extensão, onde diversas vezes participei das atividades do projeto Amora, projeto este parecido com o que ocorre na escola da periferia de Brasília, onde os alunos são convidados a fazer um projeto de pesquisa sobre orientação de algum professor, não necessariamente pertencente à área de pesquisa do aluno, resultando em um aprendizado mútuo.

Contudo, qual a resposta para a evasão escolar? Para responder a está indagação, utilizo respostas dos meus alunos, pois precisou haver um diálogo com os estudantes do ensino médio, lugar onde se constatou esse fato, diálogo este, fora do conteúdo escolar partindo de assuntos que estavam causando certo desconforto em mim: a indisciplina em sala de aula, desculpas para sair, como: ir ao banheiro ou a secretaria e não voltar para a sala e/ou pela chamada conter mais que o dobro de alunos que vão regularmente à escola. Todavia, esse desconforto não ocorria somente comigo, mas todos os professores que conversei reclamaram da mesma coisa, o descaso da turma. Assim, as respostas mais citadas pelos alunos foram: “As aulas são muito chatas”, “Tem que decorar muita coisa”, “Essa turma é assim mesmo, não quer nada com nada” e a pior de todas as respostas “Muitos nessa turma já estão reprovados, o que adianta prestar atenção na aula?”. Infelizmente isto é verdade, muitos destes alunos iam à aula por ir, pois já estavam reprovados em outras disciplinas, mas compareciam porque era preferível ficar na escola a estar sozinhos em casa ou iam apenas pela presença exigida pelo programa *Bolsa Família*. No entanto, tinham estudantes que recebiam suas notas, mesmo que parciais em trimestres anteriores e já sabendo que estavam

reprovados abandonavam a escola. Conforme alguns especialistas, ouvidos por Guerreiro (2012), a reprovação não resolve nenhum problema, apenas agrava os dados da evasão escolar o que poderia resolver seriam mudanças nas práticas pedagógicas ou na forma de ensinar, da maneira que ocorre em algumas escolas como solução para diminuir estes índices, tornando a instituição mais atrativa para o estudante.

4 O LUGAR DA ESCOLA PARA O ALUNO

Com a finalidade de poder entender o que se passa com os alunos em relação à escola e ao seu cotidiano pensei num questionário para que os alunos pudessem escrever sobre estas questões, a fim de poder entender os motivos da evasão escolar e o desinteresse pela escola. Também, com o intuito de perceber o lugar da escola para o aluno.

Primeiramente, o conceito de lugar é complexo e refere-se à interpretação do indivíduo. Por ser um dos conceitos polissêmico dentro da geografia e mutável referente à corrente de pensamento. Para entendê-lo, utilizarei alguns autores para caracterizá-lo. Deste modo Corrêa (2010, p.16) complementa quando diz que “[...] o embate conceitual não é exclusivo da geografia: vejam-se, por exemplo, os conceitos de valor entre os economistas, classes sociais entre os sociólogos e cultura entre os antropólogos”.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, a palavra lugar tem vários significados entre eles: espaço ocupado, sítio, povoação, localidade, ocupação e emprego dentre tantas outras. No entanto, para a geografia lugar é um conceito que existe entre os paradigmas geográficos tornando-se um conceito chave na Geografia Humana. Assim, para Costa e Rocha (2010) este conceito na Geografia Tradicional é definido visando às características de uma determinada área e sua noção de localização no espaço. Para a Geografia Cultural o lugar (Tuan, apud CORRÊA, 2010, p.31) “possui um ‘espírito’, uma ‘personalidade’, havendo um ‘sentido de lugar’ que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência”. Deste modo, o lugar passa a depender do sentimento do indivíduo que está interpretando-o, ou seja, o lugar importante para uma pessoa não necessariamente será para outra. Tuan (1980, p.5) diz que esse “elo afetivo entre a pessoa e o lugar” chama-se *topofilia* cujo termo associa-se com o sentimento do indivíduo perante o lugar, portanto mais significado e valor daremos a um lugar quando melhor conhecemos. É nesta visão que pretendi entender a visão da escola para o aluno e seu sentimento de pertencimento a essa instituição.

4.1 Respostas do questionário sobre lugar da escola

Visando observar a interpretação da escola pelos alunos, considerando qual o lugar da instituição para os mesmos. A fim de colocar em prática a interpretação do espaço feita a partir do sentido dado a determinado lugar, entreguei para os alunos do ensino médio o questionário abaixo – Quadro 2 – infelizmente, não houve possibilidade de entregá-los no ensino fundamental.

Quadro 2 – Questionário para fins de pesquisa aplicado ao Ensino Médio

<p>Questionário para fins de pesquisa</p> <p>Obs.: Faço o curso de licenciatura em Geografia na UFRGS e estou coletando dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.</p> <p>O presente questionário visa averiguar a impressões de vocês sobre a escola e o cotidiano, não existem respostas certas ou erradas. Portanto, sejam sinceros.</p> <p>Não precisa se identificar as respostas são para fins de pesquisa.</p> <p>Obrigada pela colaboração!</p> <p>1- Idade:</p> <p>2- Sexo: ()Feminino () Masculino</p> <p>3- Você gosta de vir a escola? Por quê?</p> <p>4- Para você qual o papel da escola?</p> <p>5- Você vem a escola para qual objetivo? Cumpre esse objetivo?</p> <p>6- Qual o lugar que você mais gosta ou se sente bem:</p> <p style="padding-left: 20px;">Na escola: Por que esse lugar?</p> <p style="padding-left: 20px;">Na vida fora do ambiente escolar: Por que esse lugar?</p> <p>7- Você se sente pertencente a esses lugares?</p> <p>8- Em qual lugar você não gosta de estar?</p>
--

Nas seguintes perguntas: *Qual o papel da escola?* Principais respostas: *“ensinar a gente a ter respeito pelas pessoas”, “ensinar e preparar o aluno para o mundo” e “formar cidadão de bem e com caráter”*. *Você vem à escola por qual objetivo?* A maioria diz que vêm à escola com o objetivo de fazer amigos e encontrá-los - *“é um lugar para fazer amigos”*-, outros dizem que vem para estudar - *“aprender coisas novas”*. Nota-se que essas respostas evidenciam a interpretação da escola feita pelos alunos como um lugar de aprendizagem e estudo, mas o que realmente ocorre e importa é o encontro com seus amigos, a escola torna-se um lugar de socialização aonde a ida a sala de aula muitas vezes é algo doloroso. Assim, Brandão (2003) diz que os alunos tentam “eternizar o recreio”, pois “pior que a hora da ‘entrada no colégio’, só mesmo a da ‘entrada na sala de aula’”. Por isso mesmo sempre ouve [...] o empenho seríssimo de trazer para ela o que era possível do espaço e da ‘vida do

recreio’.” (BRANDÃO, 2003, p.112). A volta para a sala de aula é algo doloroso para o aluno, por esse motivo alguns demoram mais a voltar do intervalo ou trazem o recreio para a sala de aula transformando a mesma em desordem.

Durante a prática docente, no ensino médio na escola que estagiei, havia constante mudança nos horários, em virtude das trocas de professores, nesse tempo de estágio estive em aula com os alunos durante o primeiro período e depois do intervalo. Com essa experiência, pude ver as mudanças no comportamento dos alunos em relação ao lugar dos períodos, no primeiro período os estudantes estavam mais calmos e as brincadeiras e deboches eram moderados, fáceis de controlar, ou inexistentes. No entanto, após o recreio a relação com alguns alunos tornava-se insuportável chegando ao ponto de ter que chamar a vice-diretora da escola. Este relato pessoal faz entender o que Brandão (2003) chama de “eternizar o recreio”, além da bagunça generalizada alguns alunos chegavam à sala de aula dez minutos depois do término do intervalo e não adiantava impedi-los de entrar, evidenciando, assim, o lugar da escola pelos estudantes, como ponto de encontro com amigos, apesar de saberem que a escola é um lugar de estudo.

5 O ALUNO E SEU COTIDIANO

Neste capítulo falarei das respostas dos alunos sobre o seu cotidiano, ou seja, seu lugar preferido fora da escola. Ressaltando, que esta parte do questionário se refere aos alunos do ensino médio, pois não pude fazer o mesmo no ensino fundamental.

Sobre seu cotidiano ou os lugares preferidos, as respostas mais citadas foram: *“A rua da minha casa porque tenho muitas amizades”*, *“No meu quarto porque é um lugar só meu onde posso me encontrar comigo”* e a mais comentada: *“Na minha casa com minha família assistindo televisão”*. Era esperado que os estudantes comentassem sobre lugares públicos, como praças ou mesmo os *Shoppings Centers*, no entanto, valorizaram seus amigos e sua família. Na pergunta sobre o lugar que não gostam de estar, responderam: *“em ônibus”*, *“na rua”*, *“na praia sozinha”*, *“no centro”*, *“na aula de matemática”* e *“na sala de aula”*. Callai (2009, p.121) fala sobre os lugares públicos chamando-os de não-lugares *“são espaços vazios de conteúdo, sem história”* o que leva a entender a aversão dos alunos a alguns lugares populares e a preferência por estar com seus afins. De acordo com a autora:

A existência de lugares que excluem pessoas são cada vez mais frequentes no mundo atual. Até por isso os lugares com os quais as pessoas se identificam são significativos para sua vida e para o desenvolvimento de sua cidadania. Estes lugares levam a ideia de pertencimento devido aos laços afetivos que são profundos, dando estabilidade e segurança às pessoas e tornando-as participantes, capazes de operar transformações (CALLAI, 2009, p.122).

Estar entre amigos e familiares trás segurança e conforto, pois quando os alunos estão na escola eles são meros coadjuvantes porque existem muitos adolescentes e eles são mais um, porém quando estão entre seus amigos ou junto à família são o “centro” podendo evidenciar suas identidades, seu modo de ser. Um estudante que é quieto na escola pode não ser em casa, porque se sente seguro em falar, pois sabe que se falar alguma bobagem não será recriminado ou ridicularizado.

Em relação ao pertencimento com os lugares Cavalcanti (2010, p.93) diz: “[...] as relações pessoais, a experiência afetiva que dão significados aos lugares, positivos ou negativos. Os lugares são, portanto, ‘recortados afetivamente’.” Nesse contexto, a relação com os seus familiares e amigos é o que faz os lugares possuírem significado e afetividade, pois nas respostas sobre se sentirem pertencentes aos lugares a maioria respondeu: “*por estar entre amigos*”, “*por se sentir a vontade*”, “*por ser meu dia-a-dia*” e “*por estar entre pessoas que gostam de mim*”, o que evidencia a relação de pertencimento exposta pela autora.

Não apresento respostas para os alunos do ensino fundamental, pois não possuíram acesso ao questionário. Porém, no convívio durante o estágio docente com estes alunos e com conversas fora do conteúdo escolar, pude notar que estes gostam de estar entre amigos, sendo que muitos deles se encontram nos finais de semana, para ir ao cinema ou jogar *vídeo game*. Conhecer os lugares prediletos dos estudantes e seus laços de pertencimento produz uma gama de possibilidades de trabalhar com outros conceitos geográficos até a noção de espacialidade dos alunos, com diz a autora:

O estudo do lugar [...] permite inicialmente a identificação e a compreensão da geografia de cada um, o que é básico para a reflexão sobre a espacialidade da prática cotidiana individual e de outras práticas. [...] A reflexão sobre seu lugar, as implicações ou a significação desse lugar, a compreensão de que outros lugares são diferentes, exige que o aluno desenvolva determinadas habilidades espaciais e que tenha informações objetivas do seu e de outros lugares. (CAVALCANTI, 2010, p. 94)

Por fim, conhecendo melhor os alunos pude desenvolver atividades em sala de aula que chamassem mais a atenção pelos seus gostos cotidianos. Assim, referente aos alunos do ensino fundamental, segundo pergunta inserida no questionário inicial – Quadro 1 -, todos relataram gostar de músicas, estas variadas nos mais diversos estilos – *funk*, pagode, rock,... Deste modo, propus uma atividade utilizando música. No ensino médio foi mais complicado, mas de acordo com alguns alunos, seus gostos eram de ficar em casa com seus familiares assistindo televisão. Portanto, pensei em propor uma atividade utilizando reportagens. No capítulo seguinte, encontram-se as duas propostas comentadas e suas respectivas análises.

6 MATERIAIS USADOS NAS PRÁTICAS

No decorrer do Estágio I – Ensino Fundamental – podem ser desenvolvidas aulas mais livres, sem a interferência do professor titular da turma, logo trabalhei da maneira que achei melhor, utilizando mais recursos didáticos além do quadro negro. Não significava que estava sem supervisão, mas sim livre para “montar” minha aula sem a interferência da cobrança de conteúdo da professora titular, com a qual havia constantemente diálogos e conselhos que me ajudaram durante esta primeira fase da prática docente. Ao contrário, no Estágio II – Ensino Médio – onde obtinha pouca liberdade em pensar minhas aulas, pois havia preocupação por parte da professora com o conteúdo a ser seguido, limitei-me a utilizar, quando possível, de objetos do cotidiano dos estudantes para as aulas, como as reportagens.

Nesse contexto, analisarei três metodologias administradas durante as práticas docentes. Desenvolverei também análise do andamento das aulas, farei reflexões a partir do que deu certo e errado e o que poderia ter feito de melhor.

6.1 Perfis das turmas

Os estágios I e II – Ensino Fundamental e Médio - foram realizados na turma de 7º série (8º ano) e na turma do segundo ano do Ensino Médio. A turma de 8º ano era uma turma tranquila e participativa, claro que havia os alunos que não queriam estudar e desvinculam os demais, mas nada que não se podia controlar. Todavia, na turma de segundo ano foi diferente e o aumento da idade dos alunos impactou no controle, pois por experiência própria, os alunos são mais audaciosos e enfrentam o professor, principalmente os estagiários. Não posso generalizar, mas em conversas com colegas este aspecto ficou evidente.

Não poderei deixar de citar a divisão da sala pelos alunos, principalmente, no ensino médio. Em razão da desordem, os alunos que queriam estudar ou simplesmente passar de ano excluía os alunos “bagunceiros” no canto da sala o que causava certo constrangimento destes alunos ao expor suas opiniões, pois os “bagunceiros” ficavam ironizando suas argumentações. Portanto, o que seria um momento de participação, eliminava-se o diálogo pelas brincadeiras infantis. Isto evidencia a conversa realizada com os alunos, comentada anteriormente – capítulo 3 - onde uma aluna disse o seguinte: *“Essa turma é assim mesmo não quer nada com nada”*, estava falando dos “bagunceiros” da classe que atrapalham as aulas. Brandão (1993) coloca esse fato como algo da idade, pois relata que fazia a mesma coisa durante sua vivência escolar, mas estes alunos da “turma de trás” da escola que estagiei já passaram da idade de se formar no ensino médio, estão com mais de dezoito anos, e dois do total de seis já são pais, já estão na hora de mudar suas atitudes.

6.2 Aulas

Neste tópico sugiro dois planos de aulas pensados levando em conta as respostas dos questionários realizados pelos alunos – para isso utilizei as respostas de todos os questionários feitos no ensino fundamental e no ensino médio, Quadro 1 e Quadro 2 – cogitando em propor aulas, a partir da realidade dos alunos, apresentando o conceito de lugar. Depois de cada aula, há uma análise do resultado das metodologias utilizadas e os possíveis desenvolvimentos que poderiam ter sido realizados, pois este trabalho é uma reflexão do estágio e cabe analisar o que foi e o que poderia ter sido trabalhado em sala de aula - revendo as aulas “brotam” muitas ideias e as críticas, mesmo que pessoais, podem ser construtivas.

Deste modo, no corpo deste trabalho estão os dois planos de aula contidos nos relatórios dos estágios docentes, não contendo as respectivas aulas ou folhas entregues para os alunos. O plano de aula 1, a seguir, foi dividido em duas partes em razão de apresentar dois recursos didáticos diferentes: utilização de imagens e utilização de música. Visando o melhor aprendizado através das propostas pelos alunos.

Plano de aula 1- 7º série/ 8º ano do Ensino Fundamental

Aula 1 – 5h/aula

Tema: Países desenvolvidos, países subdesenvolvidos e desigualdades sociais.

Objetivos:

- Verificar a capacidade dos alunos em relacionar as imagens - uma favela em Madri e a cidade de Johannesburgo na África do Sul - com o conteúdo abordado a partir a realidade existente no Brasil;
- Apresentar os estereótipos existentes do Norte rico e do Sul pobre;
- Conseguir diminuir esse estereótipo e preconceito nos alunos através das imagens;
- Realizar trabalho em duplas através de colagem sobre letra de música que fale das desigualdades sociais, visando desenvolver o sentido de percepção dos alunos em relação às desigualdades sociais brasileiras e as informações passados pelas mídias impressas.

Conteúdos:

- Continuação da configuração do mundo depois do fim da guerra fria;
- Países desenvolvidos e subdesenvolvidos atuais;
- Desigualdade social;

Desenvolvimento:

Para complementar a última aula começar esclarecendo a divisão do mundo entre Norte e Sul, mas não se esquecendo de explicar que durante a Guerra Fria também havia a divisão: 1ºMundo, 2ºMundo e 3ºMundo.

Entregar folha explicativa sobre a matéria e durante a explicação mostrar imagens no *Data Show*, sem legenda ou título, de uma favela em Madri e da cidade de Joanesburgo, na África do Sul. A fim de que os alunos identifiquem em qual continente pertencem estas imagens visando, assim diminuir os estereótipos entre norte rico e sul pobre.

Na sequência, apresentar a música “Alagados” dos Paralamas do sucesso aos alunos a fim de conhecerem outros ritmos musicais diferente de seus gostos. Durante o transcorrer da música pedirei para os alunos sublinharem as palavras desconhecidas para podermos esclarecê-las depois.

Depois da discussão da letra os alunos farão com recortes de revistas e jornais, um trabalho com colagens fazendo paisagens para o enredo da música, ou seja, um clipe através de colagem, para entregar junto com a folha de atividade. Apresentando o seu trabalho ao final para os colegas a fim de discutir e mostrar suas criações.

Recursos e Técnicas:

Quadro branco, canetas, mapa-múndi, folha explicativa, rádio, letra da música “Alagados” dos Paralamas do Sucesso, revistas, jornais e folha de atividade.

Bibliografia:

Kaercher, Nestor. Práticas geográficas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o autor e *entenderscobrir* a si mesmo. In: Rego, Nelson. Castrogiovanni, Antônio C. Kaercher, Nestor. A. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007. p. 17-18.

Marina, Lúcia e Tércio. Geografia. Edição Ensino médio, volume único. São Paulo: Ed. Ática, 2003. p. 218 a 220 e 230.

_____. Tudo é geografia. Ed. Ática. São Paulo, 2003. p. 99.

<http://www.brasilecola.com>

Avaliação:

A aula transcorreu bem e os alunos estavam participativos, o ponto forte da aula foi as imagens no *Data Show*, os alunos falavam o que a maioria das pessoas pensam: país desenvolvido é rico e país em desenvolvimento é pobre, consegui “quebrar” este

estereótipo e fazer os alunos pensarem sobre a desigualdade brasileira.

Durante a execução da música os alunos reclamaram do ritmo – queriam *funk* – mas depois a discussão foi boa. Gostaram de fazer o trabalho com colagem e desenho, os resultados dos trabalhos foram surpreendentes: vários alunos foram criativos e se empenharam na realização do trabalho; No entanto, outros não fizeram e alguns fizeram com desleixo.

Mas com o resultado da maioria consegui alcançar os objetivos de observarem nas mídias impressas as desigualdades sociais. Até recebi elogio da avó de um dos alunos que trabalha na escola.

Aula 1 – Parte 1

Como mencionei anteriormente, a análise das metodologias apresentada no plano de aula, exposto acima, se fará em duas partes: uso de imagens e utilização de colagem.

A escolha para análise dessa aula foi por ter trabalhado com imagens de diferentes lugares do mundo, e ao mesmo tempo com retratos da realidade cotidiana dos alunos, pois havia na turma alunos que residiam em diversos bairros de Porto Alegre – conforme Tabela 1 – este fato advém da escola se localizar próximo a área central de Porto Alegre. No entanto, nenhuns dos alunos moravam em favelas, mas a visualizam cotidianamente pela televisão.

Tabela 1 – Bairro dos alunos do Ensino

Aluno	Bairro		
1	Chácara. das pedras	13	Menino Deus
2	Ponta Grossa	14	Bom Fim
3	Rio Branco	15	Mario Quintana
4	Rio Branco	16	Agronomia
5	Bom Fim	17	Agronomia
6	Medianeira	18	Rio Branco
7	Centro	19	Av. Protásio Alves
8	Medianeira	20	Santana
9	Rio Branco	21	Partenon
10	Rubem Berta	22	Bom Fim
11	Nonoai	23	Santa Isabel - Viamão
12	Santo Antônio	24	Rio Branco
		25	Jardim Sabará

Fonte: Alunos do Ensino Fundamental. 2012/1

Escolher a escala de análise antes de pensar uma aula é obrigatório, conforme Callai (2009, p.83) “ao estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois que o espaço é imenso, planetário, mundial”. Desta maneira, pensou-se em utilizar imagens comuns a estes alunos, pois muitos deles cruzam a cidade e observam estas realidades todos os dias, mesmo sendo em lugares distantes, “é o nível do local que traz em si o global.” (CALLAI, 2009, p.84). Utilizando as imagens pude estudar o lugar, a partir das relações sociais e econômicas em relação a classificação dos países em: desenvolvido ou em desenvolvimento.

Portanto, a utilização de imagens nessa aula foram pensadas a fim de desenvolver aulas diferentes das que os alunos estavam acostumados, para isso utilizei Oliveira Jr. (2011) que fala sobre as fotografias ou imagens:

[...] participam da construção de nossa imaginação – da realidade – do mundo contemporâneo, educando-nos em nossas maneiras de pensá-lo e a nós mesmos frente a ele. Mais diretamente, foco das imagens fotográficas na produção e manutenção da ideia de que o espaço geográfico atual é plenamente globalizado, tendo todos os seus lugares articulados e coerentes entre si, posto que a história vivida por nós é uma só e, por isto, temos sim lugares adiantados e lugares atrasados no fluxo desta (única) história. (OLIVEIRA Jr., 2011, p. 245 e 246).

O autor evidencia em seu artigo que as imaginações espaciais estão de acordo com a maneira como é exposta a imagem ao observador, o autor mostra imagens de duas *megacidades* – Londres e Lagos na Nigéria - as quais são expostas com jogos de luz, ângulos e construções, sendo a cidade européia mostrada com maior desenvolvimento, em relação à infraestrutura, do que a africana. Utilizando as idéias de Oliveira Jr., pensei em duas imagens de dois lugares diferentes, mas ao contrário do apresentado no artigo desse autor, coloquei a cidade “desenvolvida” ou “melhor visualizada” no continente africano – localizada em Johannesburgo/ África do Sul – e a dita “subdesenvolvida” ou “em desenvolvimento” na Europa - favela em Madri/ Espanha. Conforme Quadro 3. A exposição das imagens dos países, realizada sem título ou legenda, visavam eliminar os estereótipos e preconceitos existentes nos estudantes pela influencia da sociedade.

Preconceitos são formas de ver as coisas e as pessoas. São adquiridos, aprendidos ou desenvolvidos ao longo dos contatos sociais que se vai fazendo. Às vezes, estão involuntariamente presentes em nossos pensamentos e ações e podemos até nos assustar quando os percebemos em nós mesmos. (SAENGER, 2011, p.36).

O professor tem por direito mostrar para o aluno outras realidades e a razão de existirem, possibilitando que o mesmo construa sua opinião encima do que foi explorado pelo profissional docente. Para que isso ocorra o professor tem que ter as ferramentas necessárias se utilizando de objetos do cotidiano do estudante. Neste sentido, a escola tem grande

influência, pois ela disponibilizará estas ferramentas, como *Power Point* ou sala de informática. Portanto, durante o transcorrer da aula a utilização das imagens a seguir foram essenciais para conseguir manter os alunos participativos e interessados.

Quadro 3 – Imagens utilizadas na aula 1.

Imagem 1 - Johannesburgo - África do Sul



Fonte: <http://www.esvaziandoamochila.com/2010/03/onde-ficar-em-johannesburg-joanesburgo.html>

Imagem 2 - Favela El Gallinero nos arredores de Madri - Espanha



Fonte: UOL notícias

A exposição das imagens foi realizada no *Power Point* sem revelar sua localização, junto a esta vinha à pergunta: **onde é esse lugar?** O objetivo foi mostrar imagens com perguntas reais que fizessem os alunos entrarem em cena, pois com aulas conteudistas os alunos não são convidados a participar. Em relação às respostas da pergunta anterior, foram as esperadas: na imagem 1 – Respostas: “*EUA ou Portugal*” lugares designados como “desenvolvidos” e na imagem 2 – Respostas: “*Brasil ou África*” lugares situados em países em “desenvolvimento”. Quando foram reveladas as verdadeiras localidades os alunos não sabiam que na Espanha havia favelas e na África lugares com aquela estrutura, um dos objetivos da aula foi alcançado “quebrar” estereótipos e desenvolver habilidade de crítica.

Análise:

Em relação a esta parte da aula não tenho críticas a fazer, posso dizer que foi uma das minhas melhores aulas, os alunos são bem curiosos e participativos o que possibilitou pensar aulas mais dinâmicas. Trazer imagens para a sala de aula auxilia muito, pois a visualização de exemplos concretos possibilita o aluno relacionar imagem com seu cotidiano, até mesmo no seu caminho à escola. Penso que nesta aula chamei ao entendimento de que não podemos fazer generalização e criar ideias precipitadas sem saber as reais causas.

Aula 1 – Parte 2

Esta segunda parte do plano de aula se refere a outra metodologia utilizada no plano 1, na qual fornece o caminho para os alunos relacionarem as informações dos jornais e revistas com o cotidiano a partir de letra de música, que falava sobre desigualdades sociais. O trabalho foi pensado usando como ponto inicial a proposta de Kaercher (2007) onde sugere montagem de letra de música à livre escolha pelos alunos utilizando colagem ou desenho e sua posterior socialização com os colegas de classe.

Nesta aula coloquei para os alunos ouvirem a música dos Paralamas do Sucesso – “Alagados” - e conseqüentemente, para não haver dispersão, sublinhassem as palavras que não haviam entendido. Transcorrendo a música os alunos não gostaram do ritmo, pois preferiam *funk*, expliquei naquele momento que o que importava era a letra da música e não o ritmo. No tempo restante do período conversamos sobre as palavras que não entenderam explicando a o que falava a canção.

Para o próximo período, os alunos fizeram, em duplas, trabalho de colagem misturada com desenho livre, pois poucos alunos trouxeram o material pedido, contando a letra da música através de figuras de revistas e jornais sendo este apresentado aos colegas ao final da atividade. Não disse que o trabalho era pra apresentar, ficaram sabendo quando terminaram a

colagem, pois não era uma apresentação com tempo delimitado. No entanto, a notícia foi uma surpresa para os que fizeram com desleixo notei, assim certos constrangimentos, acredito que na próxima vão se esforçar mais.

Análise:

A aula foi produtiva e os alunos aprenderam e se divertiram ao mesmo tempo. No entanto, deveria ter continuado a atividade com a música, como sugeria Kaercher (2007, p.17) pedindo para que os alunos “a partir de uma música de sua livre escolha, façam uma montagem, uma colagem ou um desenho que tenha relação com a letra.” O autor sugere para darmos outras formas de expressão para o aluno fora da escrita, assim pode surgir “talentos em sala de aula”; foi isto que aconteceu, houve trabalhos maravilhosos e criativos, há alunos que desenham muito bem, principalmente um dos alunos diagnosticado como disléxico que se expressa melhor por desenho.

A atividade de Kaercher (2007) sugere que deixemos os alunos utilizarem uma música a sua livre escolha, mas como não fui fiel a proposta anteriormente, poderia ter pedido depois da atividade que os alunos fizessem o mesmo com a letra de uma música a sua escolha que não fosse atingir a moral, com este procedimento os alunos iriam construir melhor o seu poder de fazer “leituras do mundo [...] inclusive no que diz respeito à intolerância.” (KAERCHER, 2007, p.17).

Plano de aula 2 – Segundo ano do Ensino Médio

Aula 2 – 3h/aula

Tema: Estrutura Fundiária brasileira

Objetivos:

- Conhecer a estrutura fundiária brasileira visando o entendimento das desigualdades de concentração e o conflito de terras em nosso País;
- Apresentar reportagens sobre o conteúdo;
- Proporcionar que os alunos também produzam reportagens.

Conteúdo:

- Estrutura Fundiária Brasileira;
- Reforma Agrária.

Desenvolvimento:

Apresentar aos alunos a estrutura fundiária brasileira através de um “Jornal Geográfico” que contenha a matéria da aula e reportagens de jornais sobre o conteúdo. Ler o “jornal”

junto com os alunos e pedir como atividade que eles façam o próximo número do “jornal” colocando reportagens sobre o benefício da agricultura e seus malefícios para o ambiente e o homem. Para fazer o fechamento do conteúdo sobre a agricultura.

Recursos e Técnicas:

Quadro negro e Jornal Geográfico.

Bibliografia:

Filippi, E. E. Reforma Agrária: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

Marina, L. e Tércio. Geografia. Volume único. São Paulo: Editora Ática, 2003. p. 133, 407-412.

Sene, E.; Moreira, J.C. Geografia Geral e do Brasil: Espaço geográfico e globalização. Volume 3. São Paulo: Editora Scipione, 2010. p.243 - 247.

<http://www.estadao.com.br>

Avaliação:

Durante a aula os alunos acharam a ideia do jornal interessante, afirmaram que nunca tiveram uma aula com esse recurso, mas nenhuns dos alunos fizeram a atividade proposta. Então, foi sugerida outra atividade a fim de poder avaliá-los: Entregar uma relação entre o assunto das reportagens e a matéria sobre agricultura vista até o momento, colocando a sua opinião sobre o tema reforma agrária. E entregar em folha de caderno, em um dos lados. Mas apenas uma aluna entregou do restante da turma uma parte não sabia o que era pra fazer e a outra disse que não estava em aula. Foi um sentimento de frustração misturado com fracasso, pois trabalhei encima da ideia por vários dias.

Esta aula foi pensada de acordo com as aulas da disciplina de Instrumentação para o ensino em Geografia do Professor Nelson Rego, onde o professor nos possibilitou criar um “jornal” com notícias geográficas, adaptei a ideia e fiz um “jornal” contendo a matéria com notícias retiradas de jornal eletrônico.

As aulas no ensino médio foram um pouco frustrantes e decepcionantes, esta foi uma aula até que diferente das que enfrentei durante a prática docente II, pois consegui um pouco da atenção de todos os alunos. A euforia inicial por ser algo novo para eles fez com que se interessassem pela aula, mas para desenvolverem a proposta de atividade o desinteresse ressurgiu novamente. A proposta era fazer o próximo número do jornal com reportagens

procuradas na internet sobre o benefício e o malefício da agricultura, tema este que iria ser o encerramento do conteúdo determinado pela professora titular.

No entanto, os alunos não fizeram o que propus, pensei em outra atividade a ser feita, que seria entregar uma página de folha de caderno relacionando as reportagens do “Jornal Geográfico” com a matéria vista até o momento, inclusive colocando sua opinião sobre a reforma agrária, mas somente uma aluna entregou a atividade.

O uso desta metodologia poderia ter outro rumo se aplicada em outra etapa da escola básica ou em outra turma, infelizmente, não deu certo nesta classe, mas a proposta é válida para outras tentativas.

Análise:

De acordo com a metodologia utilizada pensei em colocar as reportagens referentes à reforma agrária por ser a terra um *lugar* desejado por muitas famílias *sem terra*, logo, a terra para essas famílias é um lugar importante como às moradias são aos estudantes, conforme resposta do questionário sobre seus lugares – Quadro 2 - a maioria dos alunos elegeram suas casas como os seus lugares preferidos. Pensei em colocar essa questão para os alunos ao explicar reforma agrária, pois seria o mesmo que os alunos ficassem sem suas casas e não tivessem condições de comprar outra. Não iriam querer casas próprias como os *sem terra* querem terras? Propus desta forma porque havia na aula alunos da zona sul de Porto Alegre, onde suas famílias possuíam pequenas propriedades nas quais as utilizavam para plantio de alimentos para complementar a renda familiar.

Poderia ter feito diferente, colocado algum documentário ou filme para ilustrar a matéria, pois a maioria dos alunos trouxeram opiniões de censo comum sobre a questão da reforma agrária, como: “*os sem terras são vagabundos*” ou “*querem terras de graça*”. Talvez se trouxesse o filme “Terra para Rose” - dirigido por Tetê Moraes em 1987 - as suas opiniões mudariam um pouco, o que tem que ficar claro é que não tinha como meta mudar as opiniões dos alunos, mas sim trazer pontos de vista diferentes dos que eles estão acostumados a observar na mídia.

Por fim, na discussão das reportagens pude esclarecer as suas opiniões equivocadas, mas alguns não mudaram sua maneira de ver as informações e nem a de criticá-las. Não foi possível aprofundar a discussão em virtude do comportamento dos estudantes. No entanto, poderia ter usado outra metodologia como sugerida por Kaercher (2009) para trabalhar a geografia dos jornais, discutindo o espaço dado à notícia como também a opinião passada por essa, usando desta maneira diferentes escalas de análise.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração deste trabalho pude aprender como ocorre a construção do conhecimento crítico e do conhecimento geográfico pelos estudantes. Observando que a geografia não é apenas o estudo da terra, mas sim o espaço e as relações estabelecidas neste. Através da simples observação dos alunos os professores podem notar maneiras de realizar práticas diferentes que produzam maior entrosamento destes. Neste trabalho houve a construção do conceito de *lugar* pelos estudantes através de imagens e reportagens ligadas a lugares comuns a todos estes, são práticas simples, mas que surtiram algum efeito.

Durante a realização dos estágios docentes encontrei dificuldades na elaboração das aulas e no convívio com alguns alunos. No entanto, as observações precedentes a prática me motivaram a fazer aulas diferentes das tradicionais, mas é claro que também utilizei a infraestrutura comum a todas as escolas: quadro e o livro didático, pois se existem são para serem usados. Não fui uma professora perfeita, pois tenho todas as limitações de alguém iniciante. Porém fiz da melhor maneira possível.

Entretanto, algo que me deixou chateada, foi o número alto de evasão escolar, principalmente, no ensino médio, em conversas com professores que além de lecionaram no ensino médio também o fazem no ensino fundamental, observei que esta prática do mesmo modo se perpetua nessa etapa escolar. Talvez se os professores pensassem em aulas mais agradáveis e porque não falar “divertidas” os alunos pensariam duas vezes antes de abandonar a escola. De acordo, como os meus alunos do ensino médio a falta de interesse está nas aulas que eles rotulam de “chatas”. Mas é difícil exigir dos professores melhores aulas, quando são rotineiramente desmotivados, por motivo salarial ou pelo descaso dos estudantes em sala e ainda a presença do medo de agressões por parte dos alunos.

Por fim, as propostas metodológicas aqui apresentadas visaram utilizar o cotidiano dos estudantes das turmas onde foram exercidas as práticas, o que não evita de serem utilizadas em novos momentos em outras realidades. Sempre modificado e fazendo adaptações se necessário.

REFERÊNCIAS

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BECKER, F. Construtivismo: uma nova forma de pensar. In: calligaris, C. et al. **Educa-se uma criança?** 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

BRANDÃO, C. R. A turma de trás. In: MORAIS, R. (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 6. ed. Campinas: Papirus, 1993.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, L. DE S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 16. ed. Campinas: Editora Papirus, 2010.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C.da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, F. R. da; ROCHA, M. M. Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. In: **Revista GEOMAE – Geografia, Meio Ambiente e Ensino.** Campo Mourão: UFPR, v.1, n.2, p. 25-56, seg sem/2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GUERREIRO, C. Ensino médio reprovado. In: **Escola pública.** São Paulo: Editora Segmento, v.4, n. 28, p. 24-29, ago/set 2012.

OLIVEIRA Jr, W. M. de. Fotografia dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte Megacidades, do jornal O Estado de São Paulo. In: TONINI, I. et al. **O ensino da Geografia e suas composições Curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o autor e *entenderscobrir* a si mesmo. In: Rego, N.; Castrogiovanni, A. C.; Kaercher, N. A. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

_____. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 7 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009

SAENGER, L. Preconceitos. TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.(Org.). **Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade.** Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011.

SILVA, S. P.; ARCANJO, J. G. Uma perspectiva histórica da prática pedagógica. In: **Presença pedagógica.** Belo Horizonte: Editora Dimensão, v.18, n.107, p. 20-24, set/out 2012.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

XAVIER, M. L. M. Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. In: ÁVILA, I. S. (Org.). **Escola e sala de aula – mitos e ritos: Um olhar pelo avesso do avesso.** Segunda edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.